

**MELVILLE RECONSTITUÍDO: FONTES TEXTUAIS E ELABORAÇÃO
LITERÁRIA NA TRADUÇÃO DE *JAQUETA-BRANCA, OU O MUNDO EM UM
NAVIO-DE-GUERRA*, DE HERMAN MELVILLE**

Bruno Gambarotto¹

Recebido em 09/10/2017. Aprovado em 14/11/2017.

Resumo: O ensaio expõe questionamentos sobre a autoria na tradução a partir de um estudo de caso: a tradução de Bruno Gambarotto para o português de *White-Jacket, or the World in a Man-of-war*, de Herman Melville (Jorge Zahar Editor, no prelo). Tendo por fundo a investigação do horizonte tradutório aberto por perspectivas hermenêuticas ou funcionalistas do texto literário traduzido, nossa ideia é a de observar a operação textual inerente à prática do tradutor mediante o confronto das categorias de autoria e texto. O caso de *White-Jacket* interessa por suas particularidades: a incorporação literária de terminologia técnica – um vasto vocabulário náutico, mormente tratado com parcimônia pela literatura náutica dos séculos XVIII e XIX, produzida sob o signo da aventura; e a construção de um texto que arregimenta diferentes convenções de gênero e posições ideológicas, presentes na produção documentária de marinheiros e oficiais da marinha, consultada pelo autor. Para trabalhar com tal texto, o tradutor voltou-se a uma pesquisa sobre a própria tradição literária luso-brasileira (dicionários, tratados e narrativas em língua portuguesa) para reconstruir retoricamente a *auctoritas* do narrador em primeira pessoa da obra de Melville.

Palavras-chave: Teoria da tradução. Tradução e autoria. Herman Melville.

Neste artigo procuro refletir sobre as relações entre análise literária e procedimento tradutório a partir de um trabalho específico, a tradução, para o português, de *White-Jacket, or the World in a Man-of-War* (doravante *Jaqueta-branca, ou o mundo em um navio-de-guerra*), de Herman Melville (1819-1891), realizada pelo autor deste artigo sob encomenda da Jorge Zahar Editor, executado entre os anos 2014 e 2015 e, atualmente, no prelo. No tocante à tradução literária, as opções de um tradutor exigem o reconhecimento de tensões formais que determinam, a partir do esforço de abstração interpretativa, um campo de ação (a produção textual) e suas respectivas possibilidades estilísticas. A condução do texto

¹ Tradutor literário e Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (DTLLC-FFLCH/USP).

literário na língua de chegada passa por um imprescindível processo de leitura – em que se compreende a incompletude constitutiva do texto literário enquanto parte do ato comunicativo –, sem o qual não é possível a constituição de uma *nova partitura textual* capaz de referir, enquanto sistema autônomo, as relações tensivas de sentido depreendidas do texto de partida a serem postas em operação, por sua vez, pelo leitor da tradução. Avaliada à luz da estrutura do ato comunicativo inerente à produção do texto tradutor, a posição do tradutor é fronteira: a um só tempo *leitor*, cujo ato interpretativo se integra ao esforço de estabelecimento do que Wolfgang Iser (1999) chama de texto-linha (t'), e *produtor textual*, construindo um novo conjunto de “espaços brancos” – os que cercam a letra enquanto comunicação e discurso – a serem ocupados pelo leitor do texto de chegada. Da leitura ao texto, do texto à leitura, o processo tradutório só pode ser concebido sob o prisma do dinamismo do código linguístico e suas dinâmicas culturais próprias.

Às diferenças culturais que pululam e participam do processo tradutório, somam-se – no que toca à versão de textos antigos – as diferenças históricas e as rupturas e revoluções que a integram. Se, para o caso da diferença cultural, compete ao tradutor a adaptação ou a ênfase na impossibilidade de equivalência, a diferença histórica impõe a escolha entre a sincronia e a diacronia – ou seja: em que medida o tradutor será capaz ou não de referir uma *equivalência temporal* no âmbito do texto de chegada? Tal equivalência, posto que impossível enquanto ato histórico, se pode conceber em âmbito discursivo, à medida que textualmente o tradutor opte pela remissão a um campo reconstituído de enunciados e saberes historicamente localizados. O processo de nossa tradução de *Jaqueta-branca, ou o mundo em um navio-de-guerra* suscitou, nesse sentido, uma questão tradutória bastante pontual: a manutenção precisa de um vasto vocabulário náutico referente à construção e ao aparelhamento de um tipo historicamente específico de embarcação – um vaso de guerra de três mastros e 74 canhões – e a necessidade de recuperação do jargão correspondente à equipagem, sem o qual aspectos fundamentais da construção da *autoridade* narrativa do protagonista se perderiam. Ao buscar um elenco de expressões de época, constitutivas de um jargão historicamente perdido, o tradutor se vê em condições de integrar o texto de chegada, enquanto sistema de sentido, a um campo de diálogos literários que a obra em questão não conheceu. Não se trata, portanto, da inevitável *atualização* do texto traduzido, que enquanto ato será necessariamente fiel ao

presente de seu enunciado, mas de consultar a possibilidade de fazer a versão iluminar textos da cultura de chegada que sejam contemporâneos e congeniais ao texto de partida.

Publicado em 1850, *White-Jacket, or the World in a Man-of War* ocupa um lugar de transição na obra melvilleana: trata-se do último dos escritos de fundo documentário e autobiográfico do autor norte-americano – até então popular por seus relatos de aventura náutica ambientados em arquipélagos polinésios (*Typee, or a Peep at the Polynesian Life* e *Omoo, or Adventures in the South Seas*, de 1845 e 1846, respectivamente), baseados em viagens empreendidas entre 1841 e 1842 a bordo de navios baleeiros –, apontando para o desenvolvimento da análise social e da reflexão filosófica a partir da observação do trabalho de convés, projeto e perspectiva que se radicalizam na prosa de *Moby-Dick*, publicado no ano seguinte (1851).

O romance relata, da perspectiva do segundo marinheiro, Jaqueta-branca, episódios de tensão social e violência a bordo da fragata da marinha norte-americana *Neversink*, a partir dos quais o protagonista perfaz uma análise estrutural e legal da sociedade de convés com vistas à reforma institucional e à justa condução das relações entre oficiais e a marinhagem. Como o subtítulo (“mundo em um navio-de-guerra”) indica, a narrativa do protagonista fundamenta-se em procedimentos alegóricos – o microcosmo da embarcação deslinda conflitos e contradições propriamente urbanos, de terra firme, e a injustiça, que pontualmente ressoa como amarga crítica a uma democracia cujas instituições não realizam seu destino histórico.

A análise social e a tematização do trabalho implicam, por sua vez, a incorporação literária de terminologia técnica – um vasto vocabulário náutico, mormente tratado com parcimônia pela literatura náutica dos séculos XVIII e XIX, e a construção de um texto que arregimenta diferentes convenções de gênero e posições ideológicas, presentes na produção documentária de marinheiros e oficiais da marinha consultada pelo autor.

Instalado entre as duas pontas do conflito, Jaqueta-branca se anuncia como representante dos trabalhadores oprimidos perante o Estado. A construção da voz narrativa e sua focalização partem de um estudo prévio da configuração de narradores que, sob regime propriamente autobiográfico, faziam a literatura documentária náutica do período, bastante profícua em relatos produzidos por membros da marinhagem e do oficialato naval. Diante de um gênero cujo cultivo implicava a própria expressão de conflitos de classe,

Melville delineia um protagonista reformista e conciliador, cujo olhar exige o aporte de elementos das perspectivas dos porões e do castelo de popa da embarcação; assim, misturam-se comentários e análises eruditas que transitam pela filosofia política e pelo direito – assuntos próprios à boa educação da aristocracia de bordo – e descrições pormenorizadas do aparelho náutico como um todo, restritos à vida da equipagem oprimida. A incidência do caráter programaticamente conciliador da narrativa de Jaqueta-branca no tecido textual se verifica, por contraste, em obras que, de caráter documental ou ficcional, assinalam a brutal divisão social dos conveses.

Lê-se nos *Quadros navais, ou coleção dos folhetins marítimos do Patriota, seguidas de uma Epopeia Naval Portuguesa*, de Joaquim Pedro Celestino Soares (1862, p. 281-282) acerca do aparelhamento e desaparelhamento de um navio que “caí do estaleiro ao mar”:

Poucos oficiais de marinha sabem aparelhar um navio, posto ser do aparelho que dependa a sua segurança e o bom êxito das manobras de bordo [...] Portanto, quando o oficial combatente põe os pés a bordo, acha o navio aparelhado e pronto a navegar, às vezes até já com o pano metido, de maneira que se não tivesse noções gerais do aparelho, aprendidas na Companhia de Guardas Marinhas, ignoraria até o nome de um botão ou nó com que se fixa o chicote do ovém da enxárcia real à bigota que recebe o colhedor da outra bigota da mesa.

Em contexto propriamente norte-americano, a sensibilidade do público a tais padrões discursivos verifica-se na advertência inicial de Richard Dana, um dos modelos de Melville, no tocante ao uso de vocabulário técnico em seu relato *Two Years Before the Mast* (1846). Não obstante a narrativa de Dana ter se alçado à condição de marco de uma literatura *democrática*, ao expor ao leitor culto a perspectiva do trabalhador a bordo (“*before the mast*”), o narrador de pronto anuncia que evitará a aborrecida menção às tarefas no convés, com sua nomenclatura específica e estranha aos leitores de terra firme. Daí que se tornam imperativas a manutenção da precisão do vocabulário náutico e a atenção a um jargão obsoleto, forjado em uma experiência náutica que se perdeu com o desenvolvimento técnico das marinhas.²

² A força de tal dispositivo se revela mesmo em uma simples contagem de palavras: em comparação com narrativas de ambiência náutica célebres no período – por exemplo, *O piloto (The Pilot)*, um clássico da aventura náutica, de Fenimore Cooper – veremos dobrar a ocorrência de um termo tão acessível a esse público quanto *sail* (vela).

O projeto de nossa tradução visou à construção de uma *equivalência discursiva* entre as obras. Mais do que manter a precisão vocabular exigida pelo texto de partida, a questão era fazer com que o texto de chegada se instalasse no largo tecido textual que compunha, em português, os saberes náuticos e, a partir destes, o que se pode chamar de *discurso marujo*, isto é, um jargão marinho de fundo técnico, mas também social, atento às clivagens linguísticas – contrapartida do conflito social – que o texto de partida afeta, com vistas à manutenção do caráter dinâmico da comunicação inerente à obra de Melville em sua situação histórica. Mais do que a busca pontual de glossários, as obras de referência consultadas para tanto – manuais, dicionários e tratados náuticos de época, relacionados ao tipo de embarcação referida na obra em questão – não só serviram à difícil tarefa lexicográfica (haja vista que a obsolescência técnica se faz acompanhar do desaparecimento da terminologia correspondente dos vocabulários e dicionários modernos), como muniram o tradutor de um repertório de soluções tradutórias que o auxiliaram na construção de uma voz náutica verossímil em língua portuguesa. Abaixo elenco algumas das obras consultadas ao longo da empreitada:

a) Em inglês:

- a. *Dictionary of the Marine*, de William Falconer (1780) – obra bastante completa e em uso à época de Melville.

b) Em português:³

- a. *Vocabulário marujo*, de Maurício da Costa Campos (1823).
 b. *Dicionário de Marinha*, de João Pedro d’Amorim (1841).
 c. *Novo dicionário da marinha de guerra e mercante, contendo todos os termos marítimos, astronômicos, construção e artilheria naval: com um appendice instructivo de tudo que deve saber a gente do mar*, de Antônio Gregório de Freitas (1855).
 d. *Tratado prático do aparelho dos navios para uso dos alumnos da companhia e real academia dos guarda-marinhas* (1856), de João Augusto Fontes Pereira de Mello.

³ É curioso perceber como algumas dessas obras, em especial D’Amorim e Costa Campos, são a referência *ipsis litteris* dos verbetes náuticos de um dicionário moderno e atualizado como o de Antonio Houaiss.

- e. *Tratado de Higiene Naval ou da influência das condições físicas e morais em que está o homem do mar*, do médico francês Jean Baptiste Fonssagrives (1862, traduzido ao português por João Francisco Barreiros, vogal do conselho de saúde naval e do ultramar).
- f. *Manual do Marinheiro-artilheiro*, de Rodrigo Teixeira Pinha (1866).

Das obras acima arroladas, consta uma tradução – o *Tratado de Higiene Naval*, de Fonssagrives –, cuja autoria, porém, de oficial da Marinha portuguesa, referenda-a como discurso náutico em língua portuguesa. A consulta a tais obras não raro impunha um trabalho interpretativo e tradutório à parte, uma vez que exigia o cotejo comparativo de séries inteiras e verbetes entre Falconer (autoridade citada no *Oxford English Dictionary* – OED) e os manuais, tratados e dicionários supracitados – o que, em contrapartida, foi essencial para a reconstituição de campos semânticos inteiros, do geral ao particular, relacionados sobretudo à mastreação, ao velame e massame da embarcação, bem como de um modo de enunciação ligado especificamente ao grupo representado pelo discurso do protagonista. Do elenco de termos técnicos levantados sob o método comparativo de verbetes entre obras técnicas nas línguas de partida e chegada, destacamos um trecho ilustrativo da especificidade vocabular e sua relação com a construção social do discurso:

<p>One of these two quarter-deck lords went among the sailors by a name of their own devising—Selvagee. Of course, it was intended to be characteristic; and even so it was.</p> <p>In frigates, and all large ships of war, when getting under weigh, a large rope, called a messenger used to carry the strain of the cable to the capstan; so that the anchor may be weighed, without the muddy, ponderous cable, itself going round the capstan. As the cable enters the hawse-hole, therefore, something must be constantly used, to keep this travelling chain attached to this travelling messenger; something that may be rapidly wound round both, so as to bind them together. The article used is called a selvagee. And what could be better adapted to the purpose? It is a slender, tapering, unstranded piece of rope prepared with much</p>	<p>Um desses dois aristocratas do tombadilho era conhecido entre os marinheiros pelo apelido que estes lhe deram, Mixelo. Evidentemente, a intenção era marcar uma característica do portador; e assim a alcunha funcionava.</p> <p>Nas fragatas, bem como em todos os grandes navios-de-guerra, quando se aparelha a embarcação para partir, uma corda grossa, o cabo de ala e larga, costuma transmitir a tensão da amarra ao cabrestante; de modo que se possa levantar âncora sem que o pesado cabo lodoso se enrole, ele próprio, no cabrestante. À medida que se mete dentro a amarra da âncora pelo escovém, portanto, algo precisa ser constantemente utilizado para mantê-la ligada ao cabo de ala e larga, ambos em movimento; algo que possa ser rapidamente enrolado em torno de ambos, mantendo-os unidos. Este é o mixelo. E o que poderia ser adaptado a tal uso? Um pedaço de</p>
---	--

<p>solicitude; peculiarly flexible; and wreathes and serpentine round the cable and messenger like an elegantly-modeled garter-snake round the twisted stalks of a vine. Indeed, Selvagee is the exact type and symbol of a tall, genteel, limber, spiraling exquisite. So much for the derivation of the name which the sailors applied to the Lieutenant. (Chapter 8: Selvagee contrasted with Mad-Jack)</p>	<p>corda leve, afilado e liso preparado com muito zelo; particularmente flexível; que se enrola serpentina ao redor da amarra e do cabo de ala e larga como uma cobra elegantemente modelada ao redor dos ramos entrelaçados de uma vinha. De fato, Mixelo era o tipo e símbolo exatos de uma alta, nobre, flexível e espiralada beleza. Daí a derivação do nome que os marinheiros aplicavam ao Lugar-tenente.” (Capítulo 8: Contraste entre Mixelo e Mad-Jack. Tradução: Bruno Gambarotto)</p>
---	---

Tratarei com mais detalhe da tradução de dois termos bastante específicos: *selvagee* (em português “mixelo”, termo que já não consta do Houaiss ou do Aurélio) e *messenger* (cabo de ala e larga, expressão que tampouco é dicionarizada). No primeiro caso, o termo na língua de partida tampouco conheceu sobrevida, constando unicamente da versão completa do Oxford English Dictionary sob a grafia *selvedge*; sua tradução, porém, não poderia se dar mediante adaptação, uma vez que é usado pelos marinheiros para alcunhar, com ironia, um dos oficiais da embarcação. No caso de *messenger*, o esforço diz respeito à necessidade de precisão vocabular e à consequente recuperação do domínio técnico do narrador. Antes de nos concentrarmos nos caminhos tortuosos exigidos pela versão de tais termos, observemos alguns dos procedimentos textuais adotados pelo tradutor em seu trabalho com a terminologia técnica do romance.

Descontado o caso da voz de comando (a expressão “*getting under weigh*”), em cuja versão se optou pela paráfrase que a descreve em contexto náutico (“aparelhamento da embarcação para partir”), o procedimento para a tradução dos demais termos (destacados em negrito) oscila de uma simples consulta ao dicionário – *quarter-deck*, *rope*, *hawse-hole*, *cable*, *capstan*, sobre os quais não é preciso explicar muito – aos exercícios lexicográficos (cabo de ala e larga e mixelo) anteriormente mencionados. Haja vista o desenvolvimento técnico dos últimos 160 anos, os procedimentos de içar e deitar âncora não apenas prescindem do esforço humano (em determinados modelos de embarcação), como sua mecanização exige materiais distintos do produto semiartesanal, de base vegetal, utilizado no aparelho das antigas embarcações. O termo *messenger* (“*A chain or rope used for hauling in a cable. Also called messenger line*”, segundo se lê no *American Heritage Dictionary of the English Language* [HMHCO, 2016]) não conhece correlato imediato (“mensageiro”) com uso náutico especializado. Assim, foi necessário recorrer aos dicionários técnicos luso-brasileiros de época a partir do termo mais genérico para a

definição do massame de um navio a vela, “cabo” (que designa os instrumentos de transmissão de tensão e distensão utilizados em mastros e panos). A partir de procedimento de consulta inversa ao dicionário (isto é, da definição ao item lexical definido), D’Amorim (1841, p. 69) nos oferece o termo adequado: “Cabo de ala e larga, calabrote de pouco menos bitola que metade da amarra, e com nove bocas de comprimento do navio em que serve – é aplicado a meter dentro a amarra até suspender a âncora, por meio do cabrestante, boças e mixellos”.

Como já foi sugerido, a utilidade de um manual como o de D’Amorim irá além da simples necessidade de equivalências. Uma vez encarado como discurso náutico, o glossário de D’Amorim nos revela usos igualmente interessantes para a ampliação de recursos lexicais, via sinonímia, e tradutórios, à medida que abre caminho a procedimentos adaptativos. Alinhando a definição de “cabo de ala e larga” à passagem em que o narrador de Melville, Jaqueta-branca, explica a função de uma *messenger line*, é possível referendar o uso da sinonímia para toda a passagem. O verbete traz ao menos dois termos genéricos (calabrote e amarra) que se aplicam a um cabo de ala e larga, oferecendo substitutos adequados para a manutenção de exigências estilísticas (no caso, a variação vocabular) da norma culta do português, que melhor reconstitui o padrão linguístico da narrativa como um todo.

No caso específico de “*a large rope*” (“*a large rope, called a messenger*”), o tradutor preferiu, à possibilidade de valer-se de “calabrote” (“tipo de cabo grosso, porém menor que um calibre”), a manutenção da versão ao original (uma corda grossa), uma vez que é clara a intenção didática do narrador na utilização do termo; porém, no que se refere a “*chain*” – que se poderia traduzir por “corrente” –, o termo “amarra” – cabos destinados por sua grossura a serem talingados nas âncoras, para assim unidos conservarem seguro o navio, em qualquer ancoradouro (D’AMORIM, 1841, p. 26) – sugere maior precisão técnica, quando lembramos que as amarras das âncoras à época não são necessária ou unicamente de ferro, e a passagem não faz menção ao material de que o instrumento é feito. No que se refere a expressões, o verbete ainda fala em “meter dentro” a âncora, uso que foi aproveitado com vistas à preservação do discurso de autoridade náutica que se faz presente no texto de partida.

Na definição de D'Amorim para cabo de ala e larga, encontramos a primeira menção ao termo “mixello”, tradução de *selvagee*. O OED eletrônico traz o verbete *selvage, selvedge*. Na quarta entrada, faz menção a Falconer, no qual lemos “*Selvage, a sort of hank or skein of rope-yarn tied together at several distances. It is used to fasten round any rope, as a shroud or stay, so that a tackle may be hooked in it, to extend the said shroud or stay, which is called setting it up*” e exemplos datados de 1859 e 1862. A partir dos sinônimos genéricos *skein* (meada, madeixa no glossário de Webster) e *hank* (também em Webster, laçada, nó, mas também especificamente palomba, que o Houaiss nos descreve como “trabalho de marinheiro que consiste num novelo de cabo fino (mialhar) que se desfaz pelo meio ao se puxar a extremidade deste”) a busca se torna mais específica. O mialhar – termo que consta da versão eletrônica do Houaiss – é um “cabo fino, de 6 mm a 22 mm de bitola, feito de fio de carreta”. A própria definição não nos recomenda o uso: não havia tamanha precisão de bitola num tempo em que os cabos eram produzidos artesanalmente. No entanto, por meio de “fio de carreta” é possível chegar, em D'Amorim (1841, p. 172), a “gaxeta” (“trança de fio de carreta singela [...] de que se fazem tomadouros, rizes, michellos”) e, finalmente (passando por tomadouros e rizes, ambos utilizados na fixação das velas às vergas), a (sic) “michello”. No mesmo D' Amorim (1841, p. 211), sob a forma “mixello”, ele encabeça o verbete: “gaxetas grossas que de ordinário têm uma e meio, ou duas braças de comprimento e servem para ligar o cabo de ala e larga com a amarra, mediante botões volantes, e consecutivos que se vão tomando e largando”. A especificidade do uso, assinalada por Melville em relação ao cabo de ala e larga, foi determinante para a escolha do que seria, ao longo da obra, a alcunha do oficial (não obstante a descrição de Melville quanto à elegância do cabo não coincidir com a descrição em português).

Os tortuosos percursos do estabelecimento de equivalências para uma terminologia técnica obsoleta também demonstram, para além das dificuldades lexicográficas vinculadas à necessidade de reconstituição de um discurso específico, um projeto de instalação do texto literário, na língua de chegada, a um conjunto de fontes e autoridades similares às discerníveis na língua de partida. Do mesmo modo que o discurso filosófico e jurídico do narrador – apenas mencionado neste ensaio – estabelece, mediante citação direta ou utilização de vocábulos e expressões, vínculos intertextuais com um variado elenco de autores, o recurso ao vocabulário náutico coloca o texto do romance em um campo

discursivo específico, no qual são concretas e discerníveis as remissões a certo grupo de autoridades.

A intertextualidade é, decerto, um dos principais efeitos do modo de composição melvilleano, sempre pesadamente amparado por consulta bibliográfica e diálogo com as mais variadas fontes. Em seu diálogo e absorção de modos discursivos e saberes, a arte do romance de Herman Melville se perfaz no limite do que Michael McKeon (1987) entenderá como a impossibilidade de se compreender o romance como gênero estrutural, estilística e tematicamente estável. Nesse sentido, o esforço de diálogo e incorporação de fontes textuais técnicas teve por finalidade a restituição da obra, no contexto de chegada, a um campo equivalente de saberes e autoridades. É no âmbito de tal *campo* – campo que a obsolescência técnica e o desaparecimento do microcosmo social a ela relacionada tornam virtualmente extinto, porém do qual o texto de chegada se pretende espécie de súpula – que o leitor de língua portuguesa deverá circular, com vistas não apenas à experiência do texto literário específico, mas de todo um saber e discurso com o qual dialoga. Com isso, pretendeu-se a manutenção da fidelidade da tradução a mecanismos de composição literária, bem como a seu momento histórico. Ainda que atualizada por seus leitores, o evento da obra – seu projeto, composição e publicação – sempre configurará a partir do tempo – o *perfectum* – que nela se cristaliza. Aos olhos do tradutor, a busca de fontes textuais náuticas contemporâneas a Melville na língua de chegada faz pensar no romance, um *Jaqueta-branca, ou o mundo em um navio-de-guerra*, que tantos autores e leitores do mar brasileiros e portugueses jamais conheceram, porém dele estiveram prenhes.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maurício da Costa. **Vocabulário marujo**, ou Conhecimento de todos os cabos necessários ao navio; do seu políame, e de todos os termos marujaes, e de alguns da construção naval, e artilheria; de indispensável conhecimento do official do mar. Rio de Janeiro: 1823.

D'AMORIM, João Pedro. Dicionário de Marinha que aos officiaes da Marinha Portugueza O. D. e C.. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841.

FALCONER, William. **A New and Universal Dictionary of the Marine**. Londres: Cadwell and W. Davies, 1780.

FONSSAGRIVES, Jean Baptiste. **Tratado de Higiene Naval** ou da influência das condições físicas e morais em que está o homem do mar (traduzido ao português por João Francisco Barreiros, vogal do conselho de saúde naval e do ultramar). Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

FREITAS, Antônio Gregório de. **Novo dicionário da marinha de guerra e mercante**, contendo todos os termos marítimos, astronômicos, construção e artilheria naval: com um appendice instructivo de tudo que deve saber a gente do mar. Lisboa: Imprensa Nacional, 1855.

HMHCO. **American Heritage Dictionary of the English Language**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2016.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1999 (2 vols.)

McKEON, Michael. **Origins of the English Novel, 1600-1740**. Baltimore – London: Johns Hopkins University Press, 1987.

MELLO, João Augusto Fontes Pereira de. **Tratado prático do aparelho dos navios para uso dos alunos da companhia e real academia dos guarda-marinhas**. Lisboa: 1836.

MELVILLE, Herman. **Melville: Redburn (His First Voyage) – White Jacket (or, The World in a Man-of-War) – Moby-Dick (or, the Whale) (The Library of America)**. New York: Literary Classics of the United States, 1983.

_____. Jaqueta-branca, ou o mundo em um navio de guerra (tradução, introdução e notas: Bruno Gambarotto). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, no prelo.

PINHA, Rodrigo Teixeira. **Manual do Marinheiro-artilheiro**, contendo exercícios práticos de Artilheria Naval e Desembarque. Lisboa: 1866.

SOARES, Joaquim Pedro Celestino. **Quadros navais, ou coleção dos folhetins marítimos do Patriota, seguidas de uma Epopeia Naval Portuguesa**. Lisboa: Ministério da Marinha, 1971.

**RECONSTITUTING MELVILLE: TEXTUAL SOURCES AND LITERARY
MAKING IN THE TRANSLATION OF MELVILLE'S *WHITE JACKET, OR THE
WORLD IN A MAN OF WAR***

Abstract: The aim of this essay is to inquire the idea of translational authorship through a case study: the translation into Portuguese of Herman Melville's *White-Jacket, or the World in a Man of War*. The point is that textual operations demanded to the translator as a mandatory aspect of his/her discursive activity (including his/her linguistic knowledge

and textual skills built on the literary tradition) can be confronted with the concept of authorship hermeneutically regarded. The study case of the translation into Portuguese of Melville's *White Jacket* can be illustrative for some reasons, i.e.: its massive use of technical/nautical terminology, unknown to sea literature at that moment, usually written under the sign of the Romanesque adventure; and the way Melville structures his novel by taking advantage of genre conventions and ideological positions of the documentary sea narratives of his time, written by seamen and mariner officers alike. In this case, the hermeneutical procedures were followed by the translator's rhetorical approach to Melville's narrative. It required exhaustive research on Portuguese and Brazilian sea narratives and 19th century nautical dictionaries, so as to rebuild Melvillean narrator's *auctoritas* into Portuguese.

Keywords: Theory of translation. Translation and authorship. Herman Melville.